

CONSIDERAÇÕES SOBRE O EMPREGO DOS CANHÕES E MORTEIROS

Major DJALMA DIAS RIBEIRO

Todos os oficiais do Exército devem ler o presente artigo, escrito com clareza, concisão e precisão, por um dos mais habéis artilheiros que possuímos.

O Autor focalizou um assunto palpitante, sobre o qual temos muito que pensar. Os chineses estão fazendo face aos nipons apenas com o morteiro que, após um ano de guerra, foi, também, largamente distribuído à infantaria japonesa.

O Major Djalma tem autoridade para falar acerca da questão, pois foi professor eficiente na antiga E. A. O. e, agora, no sub-comando do Grupo Escola, deixou claramente provado que, dia a dia, se torna um oficial mais completo e dedicado exclusivamente aos mistéres da sua profissão.
(Nota da Redação).

Preliminares

Quando surgiu o canhão e os Exércitos organizaram a Arma de Artilharia, pareceu, aos observadores entusiastas da nova Arma, que só ela resolveria todos os problemas do campo de batalha e o país que fosse melhor dotado de canhões, teria o adversário a sua mercê.

A história, entretanto, aí está para demonstrar que os acontecimentos não tomaram estes rumos. O canhão, indiscutivelmente, veio modificar a manobra das unidades e tornar-se, desta forma, um colaborador precioso no quadro dos Exércitos.

Passam-se os tempos e, surge como elemento de combate, o avião — que fez prodígios na guerra 1914/1918, quando ainda em estágio primário. A nova arma empolga os meios militares e leva os Exércitos a organizarem a sua Aviação Militar qualitativa e quantitativamente, nas máximas proporções compatíveis com

os respectivos orçamentos nacionais. Aperfeiçoado continuamente o elemento de combate da terceira dimensão, fica a impressão que o avião vai representar o papel capital, preponderante na guerra futura, relegando para um plano secundário as forças de terra e de mar.

Vem a guerra da Espanha, irrompe a Grande Guerra de 1939 e não obstante a Aviação prestar um serviço de real valor, ela não supre, nem apaga o papel das demais armas, que continuam a desempenhar, com galhardia e brilho, as suas árduas tarefas nos campos de batalha.

Com o apárecimento de novos engenhos de guerra, vem, muitas vezes, a alguns, a impressão que determinadas Armas vão entrar em declínio, perder sua finalidade, esquecidos, êstes exaltados admiradores das novidades, que todas elas têm a sua oportunidade de emprego harmonioso nos combates variados do campo de luta.

Com o advento do avião e do motor, a Cavalaria passou durante uma época a ser uma Arma de utilidade discutida e os cavalarianos sentiram o travo das opiniões dos menos avisados, que a julgavam sem influência ponderável no desenrolar das batalhas. Mas a Arma de Andrade Neves adaptou-se rapidamente aos novos meios que lhe forem proporcionados e manteve invicto o "panache" conquistado na epopéa Napoleônica e hoje, como ontem, a sua ação é desempenhada com a audácia, o entusiasmo e a bravura que formam seu tradicional apanágio.

Os engenhos de tiro curvo, surgidos diante de Porto Artur, na Guerra Russo-Japonêsa, imediatamente depois de adotados pela Alemanha e só bem mais tarde fazendo parte da organização do Exército Francês, têm dado agora a falsa impressão, a um punhado de profissionais, que êste novo armamento pode substituir o ca-

nhão e que a Arma de Artilharia vai ter o seu brilho empanado.

E' êste ponto de vista que pretendemos analisar, tentando mostrar que canhão e morteiro se completam no fornecimento de fogos sôbre o terreno, têm aplicações harmônicas no combate, um remata as deficiências do outro; o seu emprêgo e a sua finalidade, porém são diferentes e um não substitue o outro.

O morteiro

E' verdade conhecida que a manobra das pequenas unidades está estreitamente subordinada às propriedades técnicas do armamento usado; e, assim, quando appareceu, na Infantaria e na Cavalaria, a metralhadora, a manobra das pequenas unidades destas Armas foi grandemente modificada, alcançando uma grande eficiência, notadamente na defensiva, onde a arma automática, abrigada e colocada atrás de um obstáculo, podia realizar uma barragem sôbre larga faixa de terreno, impossivel de ser transposta pelos atacantes, que, ao tentar atravessá-la, ficavam sob a ação do trama realizado pelas trajetórias das armas da defesa.

O atacante, infante ou cavaleiro, não dispunha organicamente de meios próprios para atingir o defensor abrigado em seus ninhos, e desta forma este ficava com marcante superioridade sôbre aquele.

Para restabelecer o equilíbrio entre o defensor abrigado e o atacante descoberto é, que surgiu na Infantaria e na Cavalaria o engenho de tiro curvo, o qual, de 1904 até aos nossos dias, vem conquistando, nas ações ofensivas, a primasia entre o armamento orgânico destas duas Armas.

E isto porque, a potência do fogo, se apresenta sob dos aspectos distintos e inconfundíveis: fogo ofensivo e fogo defensivo.

Na defensiva, já vimos, o fogo rasante das metralhadoras tem a eficácia bastante contra o assaltante que é obrigado a se descobrir para progredir e que cairá fatalmente sob os fogos das armas automáticas da defesa, que, estáveis e abrigadas, executam o tiro em zonas pre-estabelecidas, sistemáticas.

Na ofensiva, o fogo deve neutralizar e destruir o defensor que se encontra abrigado e atrás de um obstáculo, tornando-o incapaz de impedir a progressão do atacante. Para atingir êste defensor, é necessário que os projetis do atacante incidam no terreno sôbre grandes ângulos, o que só é conseguido com o emprêgo dos engenhos de tiro curvo.

Conclue-se, daí, que, para a Infantaria e Cavalaria, a metralhadora é a arma capital da defensiva e o morteiro é a arma essencial da ofensiva. Como é natural e lógico isto não implica em afirmar que a metralhadora não tenha um papel a desempenhar na ofensiva e que o morteiro deva permanecer inerte da defensiva.

Parece oportuno deixar aqui bem assente, que os tiros feitos pelos morteiros, assim como o das metralhadoras, ficam restritos à zona imediata da frente compatíveis com as suas possibilidades de alcance; a partir daí e em toda a profundidade em que se escalonam os elementos adversários, ficam êstes fora da ação dos fogos das armas da Infantaria e da Cavalaria.

Inicialmente o morteiro de 81 m/m fez um estágio no Regimento. Era a arma com que o Coronel exercia a sua vontade, seja antes da ação, atribuindo-o a um dos Batalhões, seja depois de desencadeado o combate, acionando o seu fogo em proveito de determinada unidade.

Em seguida a prática demonstrou que o morteiro era necessário no Batalhão e o Batalhão foi dotado organicamente deste engenho de tiro curvo.

Hoje, finalmente, é ponto assente, nos principais Exércitos, que o morteiro é imprescindível na Companhia de Fuzileiros. Na França "o morteiro de 60 constitui o seu principal engenho ofensivo", conforme especifica o artigo 207 das "Instruções provisórias do Morteiro 60" de 25-II-936.

Entre nós, as Companhias de Fuzileiros não dispõem ainda de morteiros, mas a sua adoção é de tal forma evidente, sua utilização e emprêgo aparecem como tão exuberantemente necessários ao mais simples análise, que tudo faz crer não haverá demora em incluí-lo no armamento orgânico destas sub-unidades.

No momento em que se agita o problema de dotar o Exército de mais uma espécie de armamento, é necessário bem ponderar sobre a sua influência no problema vital do remuniamento.

A fabricação do cartucho para o morteiro de 60 m/m será um encargo a mais imposto à nossa incipiente indústria militar e, tal fato, merece ser analisado com espírito desapaixonado; a questão do transporte da munição apresenta também uma face interessante da questão e que requer exame, parecendo merecer especial atenção a solução encontrada na França pela adoção da Chenillette Renault, que teve uma influência considerável, para remover as dificuldades do remuniamento.

Bem pesadas as vantagens e as dificuldades que possam trazer a inclusão do morteiro de 60 m/m, somos de opinião que êle deve fazer parte do armamento orgânico das nossas Companhias de Fuzileiros e Esquadrões de Cavalaria.

O canhão.

Em estudos desta natureza é preciso lembrar que **“A artilharia é, por excelência a arma dos fogos poderosos, largos e profundos”**.

Para quem conhece as possibilidades do armamento bélico moderno, não pode restar dúvida que a Artilharia e só a Artilharia é capaz de realizar estes fogos.

Além disto, a Artilharia é a arma do Chefe, por excelência — traduz a sua idéia de manobra, expressa a sua vontade, inicialmente pelo dispositivo tomado e, no correr do combate, quando êste dispositivo sofre as modificações resultantes das reações do adversário, no momento em que a Infantaria e a Cavalaria estão empenhadas e conseqüentemente sem capacidade de executar novas missões, a Artilharia permanece sob a direção do Chefe, livre e capaz de fazer sentir a sua vontade no ponto visado e com a intensidade requerida.

Em virtude das características técnicas do canhão e de suas possibilidades, as missões de fogo pedidas à Artilharia nas diferentes fases da batalha podem ser resumidas e enquadradas nas três principais:

- ações longinquoas;
- luta contra a artilharia inimiga; e
- ações na zona imediata do combate.

As missões compreendidas nas duas primeiras categorias só podem ser realizadas pelo canhão com seus fogos poderosos, largos e profundos, mostrando-se os demais armamentos incapazes de aí cooperarem com a arma de Mallet.

Na zona imediata do combate, a Artilharia apenas auxilia a Infantaria ou a Cavalaria, fornecendo um su-

plemento de fogo, ao fogo dos diferentes armamentos que estas duas Armas empregam.

No emprêgo da Artilharia é preciso ter a exata compreensão das possibilidades da Arma e saber tirar daí o máximo efeito.

Emprêgo do canhão e do morteiro na ofensiva.

Sem analisarmos todas as fases do combate ofensivo, procuraremos mostrar, em linhas gerais, o emprêgo do armamento que estamos estudando.

“Na ofensiva — prescrevem as Instruções de 25 de fevereiro citadas — o morteiro 60 é empregado unicamente em missão de acompanhamento”, não executa portanto, os tiros de apôio, nem toma parte na preparação do ataque.

E' por excelência a arma que dispõe o Capitão para quebrar as resistências fragmentárias que se opuzerem à progressão de seus Grupos de Combate, devendo, assim, manter estreita ligação com êle, para abrir o fogo quasi ao mesmo tempo que a resistência aparece, e estar com a sua dotação de munição completa no instante em que se desencadear o ataque.

Só procedendo desta forma pode a Companhia de Fuzileiros ou o Esquadrão de Cavalaria progredir rápidamentee.

A destruição e a neutralização das resistências que se revelarem, no momento do desencadeamento do ataque, cabem a base de fogos, isto é, às metralhadoras e aos morteiros de 81 m/m, sendo que êstes morteiros já podem ter cooperado na preparação, nos pontos em que os canhões não são suficientes para bater.

A Artilharia tem na ofensiva um papel preponderante, destruindo ou neutralizando os obstáculos que se

opõem à progressão da Infantaria ou Cavalaria, além do limite da zona de segurança destas armas, sob a condição única de que estes obstáculos estejam previstos com tempo necessário, para que a Artilharia, preparando o seu tiro, realize um fogo oportuno. Não é possível pensar que uma resistência, um ninho de metralhadoras que surge durante um lance de Companhia ou Esquadrão, ou que desponte no flanco de um batalhão possa ser imediatamente neutralizada pela artilharia que se encontra grandemente afastada. Estas resistências devem ser reduzidas pelos próprios engenhos de tiro curvo da Infantaria e Cavalaria.

À Artilharia cabe realizar as ações:

- longinquoas;
 - contra a artilharia inimiga;
 - na zona imediata do combate;
- estas últimas dentro das condições que indicamos.

O emprêgo do canhão e do morteiro na defensiva.

Na defensiva, conforme tivemos ocasião de afirmar, as armas de tiro rasante têm ensejo de encontrar o máximo de seu rendimento, cabendo às metralhadoras o papel preponderante.

Os morteiros de 60 e 81 m/m, especialmente este último, servem para bater as partes do terreno em ângulo morto, que ficam, assim, fóra dos efeitos dos tiros das armas automáticas; também a estes engenhos podem ser confiadas as missões de tiros no interior da posição, caso o inimigo consiga progredir aí.

Um outro emprêgo ideal para os morteiros, em particular para o de 60 m/m, será nos contra-ataques imediatos, cuja execução demanda rapidez na ação e é tão

delicada pelas dificuldades de ligação entre as Companhias de Fuzileiros ou Esquadrões, o Batalhão ou Regimento e a Artilharia de apôio direto.

A Artilharia cabem as ações:

- longinquoas;
- contra a artilharia inimiga; e
- na zona imediata do combate, no que diz respeito aos tiros de contra preparação, de barragem e no interior de posição, que tenham sido previstos.

Conclusões:

Parece que do rápido estudo que acabamos de realizar podemos tirar algumas conclusões, interessantes apesar de conhecidas e aceitas:

A Infantaria e Cavalaria devem possuir organicamente:

- 1 morteiro de 60 m/m na Companhia de Fuzileiro ou Esquadrão de Cavalaria;
- 2 morteiros de 81 m/m no Batalhão ou Regimento de Cavalaria;
- 4 morteiros de 81 m/m no Regimento de Infantaria.

Dada a necessária e acentuada tendência para aligeirar a Infantaria e a Cavalaria e as dificuldades que o remuniciamento apresenta, o número de morteiros não deve ultrapassar o indicado acima.

Finalmente, o emprêgo do morteiro, que tão assinalados serviços veio prestar, em nada diminuiu o valor e a necessidade do emprêgo da Artilharia que no campo de batalha tem missões particulares que as demais Armas não podem realizar.